

A falta de professores

Os números divulgados pelo Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe), segundo o qual 103 mil alunos do Segundo Grau das escolas públicas do Estado do Rio deixarão de se formar este ano, por causa da falta de professores, são contestados pela Secretaria de Educação — que no entanto admite que o problema existe e é sério.

De fato, não é possível negar a gravidade da situação a que chegou o ensino público no estado, e que sem exagero pode ser classificada de calamitosa. Ainda em agosto, alunos do Colégio Estadual André Maurois, no Leblon, só encontraram uma solução para aprender matemática: cotizar-se para contratar um professor particular. No Ginásio Público 308, em Itaboraí, até a semana passada, os alunos da última série do Segundo Grau não tiveram uma aula sequer de química — e exatamente uma de física. No Colégio Fernando Magalhães, em Niterói, a saída foi fazer rodízio de alunos: cada dia um grupo de crianças vai para a escola e outro fica em casa.

No entanto, a solução para o problema não está na contratação de mais professores. Segundo a Secretaria estadual de Educação, há 25 mil professores a mais do que o necessário. Mas es-

tes — e outros mais — estão fora das salas de aula. Por um motivo evidente: os baixos salários. Quem tem mais de dez anos de magistério no estado ganha em média R\$ 315 brutos; se estiver em início de carreira, não mais de R\$ 215,96. Salário que o próprio secretário de Educação, Fernando Pinto, classifica de vergonhoso.

...o problema é
que o estado
não parece
estar buscando
uma saída

Ninguém afirmaria que há farta-
ra de recursos, mas o problema é
que o estado não parece estar bus-
cando uma saída. Ainda em janeiro
foi anunciado que seria implanta-
do este ano o Fundo de Manuten-
ção e Desenvolvimento do Ensino
Fundamental e Valorização do Ma-
gistério, o que permitiria aumentar
os salários dos professores, graças
à obtenção de financiamento prio-
ritário do Ministério da Educação.
Mas até agora, não há sinal de qual-
quer ação neste sentido.

E em que pé está a prometida re-
estruturação administrativa da secretaria esta-
dual? A reforma incluiria a criação de um sis-
tema de controle vital para se acabar com pro-
fessores e alunos fantasmas. Também aqui, não se
percebe qualquer avanço.

Não há fórmulas simples para se enfrentar
uma crise tão séria. Mas a pior atitude possível é
a inação.

OUTRA OPINIÃO

Numerologia irreal

FERNANDO JOSÉ PINTO

Tem sido muito fácil fazer exercícios de numerologia sobre a educação. No início do ano os números eram em relação à falta de vagas. A Secretaria de Educação desafiou a comprovação, pedindo a relação das crianças para matrícula. As manchetes eram: "Faltam 250 mil vagas na Baixada", "Quinze mil sem escola em Nilópolis" etc. Apenas o Conselho Tutelar de Caxias enviou uma relação com 480 alunos, os quais comprovamos já estavam matriculados. E matriculamos os demais listados em outras unidades.

No domingo, dia 7, o Sepe fez outro exercício de numerologia acolhido pelo GLOBO: "Falta de professores deve impedir que cem mil alunos se formem esse ano", "Cento e três mil alunos da rede estadual de ensino que estão na terceira série não conseguirão se formar"; "Quarenta por cento dos alunos do Segundo Grau não poderão se formar porque nunca viram professor de física, química, geografia, matemática ou biologia"; "O número pode dobrar se computarem os alunos da oitava série". Exijo que, publicamente, a professora Adriana Freitas, da direção do Sepe, comprove esses dados. A falta de professor é uma realidade e a secretaria já traçou várias estratégias para superá-la. Ao assumirmos a secretaria, em janeiro deste ano, as direções de escola nos apresentaram a necessidade de 11 mil professores. Utilizamos para superar o problema o RET (Regime Especial de Trabalho), chamamos os concursados e solicitamos a contratação especial de professores. Ao mesmo tempo, começamos a auditar a folha de pagamento. Dos cinco mil possíveis contratos, apenas foram necessários 1.640.

A Secretaria de Estado de Educação está atenta à falta crônica de professores, em especial de

física, química, biologia, geografia e matemática. Esse problema, de âmbito nacional, foi alvo de portaria ministerial do MEC relacionada à formação especial do magistério, já que os especialistas nessas áreas do conhecimento são atraídos por outros mercados de trabalho. Esse problema está afeto à questão salarial, fruto de mais de 30 anos de descaso com as políticas públicas. Começaremos a recompor, gradativamente, o salário a partir da implantação do Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, no início do próximo ano.

Para que os alunos não sejam prejudicados, por meio de resolução, determinei que as escolas apresentassem a ficha de controle dos dias letivos e das horas de aula por disciplina. Queremos que cada aluno tenha o seu direito ao ensino garantido. As escolas deverão apresentar não só a ficha, como também o plano de reposição das aulas não ministradas.

Para que seja dada total transparência ao tema, sugerimos ao Sepe, à imprensa e à sociedade, em geral, que procure o controlador técnico-pedagógico de cada escola — que é o técnico da secretaria que responde pela alocação de professores

de cada área — para verificar a real situação. É bom, também, que cobrem nas escolas a ficha de controle de dias letivos e o plano de reposição.

Não é divulgando exercícios de numerologia irreais que contribuiremos para resolver o problema da falta de professores. É trabalhando muito, como toda a equipe da SEE/RJ vem trabalhando, em especial a equipe do controle técnico-pedagógico que está visitando as escolas e resolvendo esse problema.

Queremos que
cada aluno
tenha... direito
ao ensino
garantido

FERNANDO JOSÉ PINTO é secretário de Estado de Educação do Rio de Janeiro.